

DIZEM QUE OS MILAGRES
EXISTEM...

Espectáculo de teatro a partir de *Coração Fraco*, de Fiódor Dostoievski



b612 produções
96 752 86 31 | 96 663 97 77
geral@b612.pt

DIZEM QUE OS MILAGRES EXISTEM

de Fábio Ferreira

Encenação: Guilherme Filipe | **Interpretação:** Fábio Ferreira e Guilherme Barroso | **Assistência Encenação:** Erica Rodrigues | **Texto:** Coração Fraco de Fiódor Dostoiévski | **Adaptação:** Fábio Ferreira | **Cenografia:** Ana Praxedes | **Som e Desenho de Luz:** João Cachulo | **Fotografia:** Lia Sério | **Design:** La Gatta Luca | **Produção:** b612 produções

Duração: 80 Minutos | M/12

SINOPSE

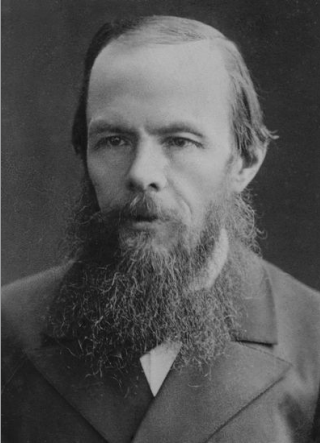
Vasco é um jovem apaixonado, puro e ingénuo, mas de temperamento frágil, a quem a felicidade parece transtornar. Amado por André, seu amigo inseparável, apaixonado por Helena e reconhecido no seu trabalho, Vasco desenvolve sentimentos de culpa por recear não corresponder às expectativas dos outros. Envolvido numa atmosfera explosiva, em diálogos apaixonados e intensos, Vasco vive um misto de emoções, deambulando entre a paixão e a gratidão, que o alucinam. André será o seu grande suporte. Nele veremos a impotente busca da tentativa de devolver a sanidade mental ao amigo. “Dizem que os milagres existem”: a história de uma grande amizade e de um triângulo amoroso fatal.

*“Dizem que os Milagres Existem:
a história de uma grande amizade
e de um triângulo amoroso fatal.”*

Guilherme Filipe, Encenador



FIÓDOR DOSTOIEVSKI



1821 - 1861

Um dos maiores escritores russos de todos os tempos, é também um dos maiores autores da literatura mundial. As suas obras têm uma potência incomum na história da prosa de ficção, pois nelas são expostas e exploradas, ao mesmo tempo, profundas questões psicológicas, existenciais, morais e sociais. Se o romance é em si uma das formas mais poderosas de retratar o mundo, ou ao menos um mundo, aquele do lugar, do tempo e das circunstâncias de seus personagens, Dostoiévski foi, talvez, o romancista que mais poderosamente usou os recursos do romance para criar personagens cuja profundidade e alcance o aproximam dos grandes trágicos gregos e das tragédias de Shakespeare, com a diferença de que ali se tratava de homens poderosos, enquanto Dostoiévski põe e expõe a máquina da tragédia em ação sobre o homem comum, o homem contemporâneo abandonado pelos deuses e entregue às próprias forças e, principalmente, fraquezas.

“

André - As noites frias forçam o aconchego do édredon . O calor convida ao casulo. Somos crisálidas. Temos tempo. Logo haveremos de explodir com a força da metamorfose (...).

Vasco -(...) Eu falhei na minha gratidão, entendes?

”

DIZEM QUE OS MILAGRES EXISTEM

DE CORAÇÃO FRACO A DIZEM QUE OS MILAGRES EXISTEM

A história da profunda amizade entre Arkadi e Vassia poderia ser um tema banal para uma novela, se não tivesse sido escrita por Dostoiévski, com a mestria narrativa que o caracteriza. Muito antes dos Irmãos Karamazov, já se enuncia em Coração Fraco essa visão singular, invulgar e original, quase um idealismo pueril, em comparação com o depuramento de sentimentos que as sociedades contemporâneas têm vindo a desenvolver. Foi porventura esse espírito que fascinou a juventude de Fábio Ferreira na pureza do seu idealismo e o levou a querer partilhar com o público, nesta versão dramática de Dizem que os Milagres Existem.

Do drama à cena vai, todavia, um passo que exige a envergadura da contextualização temporal apropriada ao destinatário, para que este possa desfrutar desse idílio sentimental. Forçoso se tornou domesticar o universo da velha mãe Rússia, e conferir-lhe uma universalidade sem fronteiras. No fundo, encontrar a essência do seu autor e conferir-lhe a aparência do seu recetor na função teatral. A história de Arkadi e Vassia transforma-se na história de André e Vasco, tão comumente normais, quanto os espectadores que a ela assistirem.

Encontrar a atualidade tornou-se na procura dos objetivos narrativos e na sua forma de teatralização. Entre o diálogo descomprometidamente vivo e o monólogo introspetivo, o espetáculo procura partilhar com o espectador os sentimentos que vão povoando as mentes dos seus protagonistas. Alegria e tristeza, riso e choro, coexistem como reflexos de qualquer quotidiano. O autossuficiente André será o grande apoio do inseguro e ingénuo Vasco, e, quando este for vítima de demência precoce, veremos em André o cuidador desvelado do amigo. Como todos os cuidadores de pessoas portadoras de síndrome demencial, André não ficará imune a esse problema. O sofrimento que sente será redimido pela memória positiva do passado vivido, embora o seu coração forte ostente a fragilidade de que todos somos portadores neste percurso que o ser humano vai trilhando segundo as escolhas que for fazendo.

GUILHERME
FILIPE

GUILHERME FILIPE

ENCENADOR

Com formação em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, trabalhou como professor de inglês e alemão no ensino secundário (1974-1985). Em 1976, equiparado a bolsheiro, juntamente com Isabel Medina e outros colegas, fundou o English Teaching Group (1976-1979), um projecto piloto do Ministério da Educação para o ensino do inglês através do jogo dramático. Na continuação do seu trabalho em investigação pedagógica, criou com Isabel Medina, Rogério de Carvalho, entre outros professores, o Grupo de Comunicação e Teatro (1980-1985).



Em 1980, ingressou no Conservatório Nacional, onde se licenciou como actor e encenador. Desde 2000, vem desenvolvendo actividade docente na área do ensino artístico (Escola Superior de Teatro e Cinema, Curso Livre de Formação de Actores da Universidade Moderna de Lisboa, Curso Livre de formação de Actores da Universidade Lusíada de Lisboa), assim como em investigação na área de documentação teatral. Em 2008, obteve o grau de Mestre em Estudos de Teatro, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com a tese Percursos Itinerantes: a companhia de Rafael de Oliveira. Pertence ao núcleo de investigadores do Centro de Estudos de Teatro da mesma faculdade. Publicou ainda inúmeros ensaios sobre teatro.

Como actor profissional, estreou-se no Teatro Aberto (1981), no espectáculo Orpheu, com direcção de Águeda de Sena. Em 1984, ingressou no Teatro Nacional D. Maria II, onde fez o seu estágio profissional, em O Corvo, de Fiamma Hasse Pais Brandão, com encenação de Jorge Listopad. Trabalhou com inumeros encenadores, entre os quais: Orlando Neves, Carlos Avilez, Ruy de Matos, Mário Feliciano, Celso Cleto, Jorge Castro Guedes.

Em 1986, fundou a companhia Persona - Teatro de Comédia, C. A.R.L, de que foi director até 1991. Encenou, interpretou, e concebeu cenários e figurinos para vários espectáculos. Em 1988, a sua encenação de Anfitriões foi nomeada para o prémio Garrett, da Secretaria de Estado da Cultura, como Melhor Espectáculo de Autor Português. Actor regular na televisão salienta como seu primeiro trabalho a série televisiva Mátia (1984), da autoria de Natália Correia com realização de Dórdio de Guimarães (RTP1), a que se seguiu Duarte & Companhia (1985/87) (RTP1), com realização de Rogério Ceitel, onde interpretou a personagem Lúcifer. Tem integrado elencos de novelas, séries dramáticas e telefilmes desde aí tanto em Portugal como em França e Alemanha.

No cinema, tem participado em algumas co-produções internacionais (1987, La Brute de Claude Guillemot; 1989, Street Of No Return de Samuel Fuller; La Fille de D'Artagnan de Bertrand Tavernier; 2006, Fin de Curso de Miguel Martí; 2011, Je m'appelle Bernardette de Jean Segols) e, em Portugal, foi dirigido por realizadores como Ana Luísa Guimarães, Jorge Silva Melo, Fernando Lopes, Eduardo Geda, Teresa Villaverde, João Mário Grilo, Maria de Medeiros, Luís Filipe Rocha, José Meireles e António-Pedro.

FÁBIO FERREIRA



ACTOR

Nasceu a 30 de Dezembro de 1990 na cidade de Coimbra, Portugal. Aos 20 anos foi viver para Lisboa e estudou no curso profissional de artes do espetáculo e interpretação da Companhia A Barraca.

Profissionalmente estreou-se em 2013 no espetáculo de improviso "Pedro e o lobo" no teatro Villaret, pela companhia Byfurcação, onde permaneceu durante dois anos e meio e fez parte da direção. No mesmo ano, fez parte do elenco do espetáculo de improviso "Branca de neve e os sete anões" no teatro Villaret pela Byfurcação. Em 2014, pela companhia Byfurcação participou em "Tom Sawyer" no teatro Villaret, "Cão Farólias" e "Auto da Barca do Inferno" para escolas, "Pedro e Inês" e "Cinderela" na Quinta da Regaleira e o " regresso do Capuchinho Encarnado, nem todos os lobos são maus" no Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

Foi membro fundador do grupo de teatro de improviso "Sem Rede". Frequentou os Workshops de teatro de improviso long-form e improviso soundpainting com Omar Galván Argentino. Ainda em 2014, fez parte do elenco "Ego- divergência da terceira pessoa" no teatro Rápido e participou na série da RTP1 "Bem-vindos a Beirais".

Em 2015, pela companhia Byfurcação fez parte dos elencos, do espetáculo de improviso "Conta-me estórias" no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, "Peter Pan", "Vampira" e "Frankenstein" na Quinta da Regaleira.

Participou ainda em "Despertar da Primavera" no teatro a Barraca. Frequentou os Workshops de teatro de improviso com Daniel Nascimento (BRA) e Gustavo Miranda (COL). Workshop de teatro de improviso musical com Ángela Conde (ESP).

Foi apresentador da Gala do Ministério do Desporto no Coliseu dos Recreios.

GUILHERME BARROSO



ACTOR

Começou a sua formação em 2005 na In Impetus. Fez workshops com Márcia Haufrecht, Robert Castle e Tomi Janezic. Tirou o Curso de Cultura Teatral: Do Teatro Clássico ao Renascimento no Teatro D.Maria II. Recentemente na EFT- Escola Formação Teatral estudou com John Frey, Suzana Borges, Maria João da Rocha Afonso, entre outros. Destaca a formação com Antonino Solmer, Sofia Cabrita, Vera Fontes, Ana Piu, Jorge Parente e Lenard Petit em técnicas de teatro físico: Grotowski, Máscara, Jacques Lecoq, Clown, Zygmunt Molik e Michael Chékchov.

Em teatro, trabalhou com Ana Padrão, Ávila Costa, João Ferrador, João Nuno Esteves, José Boavida, Miguel Germano, Patrícia André, Pedro Marques e Philippe Leroux, autores como José Saramago, Bernardo Santareno, Gary Owen, Karl Valentin, entre outros. Integra o elenco da Companhia "Casa dos Afectos", que foi galardoada com a Dora na gala Sorrir na Educação. E em 2015 interpretou D. Pedro em E Morreram Felizes Para Sempre, considerada a peça do ano pela revista Sábado.

Em Cinema participou em As Maltratadas, de Ana Campina seleccionada para vários festivais internacionais, em A Dream of Passion de André Miranda que arrecadou o 1º Prémio da Canon no Estoril Film Festival, entre outros.

Integrou os elencos de Ninguém como Tu, O Diário de Sofia, Morangos com Açúcar e A Outra. Tem feito também algumas pequenas participações como em Liberdade 21, Deixa Que Te Leve, e Os Filhos do Rock.

Dá a voz a inumeras personagens em filmes e series de animação desde 2011.



b612 produções
96 663 97 77 | 96 752 86 31
geral@b612.pt

